

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O Papel de Marta na Comunidade Joanina [Martha's Role in the Johannine Community]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Lopes, Mercedes
Publisher	EATWOT's International Theological Commission
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-06-19 15:20:13
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/156133



O Papel de Marta na Comunidade Joanina

Mercedes LOPES
Rio de Janeiro, Brazil

Introdução:

Vivemos um período denso e crítico da história que se manifesta tanto na luta dura e diária pela sobrevivência, como na falta de perspectivas que garantam a vida da nossa casa comum e a dignidade de todos os seres. Nesse contexto, meu olhar se detém sobre uma situação que se arrasta por séculos e milênios: a discriminação e violência contra as mulheres. Uma violência cotidiana, física, psicológica e simbólica que se realiza, sobretudo, no espaço doméstico e que se concretiza no femicídio¹. E esta violência vem sendo nutrida pela ideologia patriarcal que inferioriza, invisibiliza, explora, maltrata e exclui as mulheres dos espaços políticos e eclesiais. Enclausurada no espaço privado da gerência e até da sustentação de suas casas, as mulheres continuam sendo, também, mão de obra barata nas igrejas.

Mas, tempo de crise traz em seu bojo grandes possibilidades de mudança. É com um olhar de esperança que contemplo o horizonte da história e resgato a presença de Marta na comunidade joanina. Admiro sua coragem e dignidade, a clareza da sua fé no Deus de Jesus e sua capacidade de confiar na força da vida, mesmo quando esta já está totalmente deteriorada.

Esta era a situação da comunidade joanina, quando colocou por escrito o quarto evangelho, no final do primeiro século da E.C. Uma época em que o império romano mantinha o povo sufocado pela repressão, atado de mente, pés e mãos pela ideologia da pax romana. E o fazia para manter o luxo da corte, garantindo que as riquezas pudessem acumular-se na capital do império, transitando seguramente através do Mar Mediterrâneo. Como consequência desse projeto de acumulação, a vida

dos povos e da criação ia se deteriorando. A morte de Lázaro pode ser um símbolo desta situação (Jo 11,39.44) na qual, como um pequeno foco de luz, havia uma comunidade que tinha como características principais o amor e a solidariedade. Na Comunidade joanina as mulheres eram protagonistas. Cheias de sabedoria elas levavam adiante, com muita garra, o projeto de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10b). Convencidas disso, elas que tomam a iniciativa de comunicar a Jesus que Lázaro estava doente (Jo 11,3).

Marta seria a discípula amada?

Há uma informação fundamental para a compreensão do papel de Marta na comunidade do discípulo amado: “Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro” (11,5). Sabemos que a categoria de discípulo é básica para o quarto Evangelho. Ser discípulo em João corresponde a ser apóstolo nos sinóticos. Outro dado importante é que o discípulo é identificado por seu amor: “Pedro, você me ama mais do que estes outros?” (21,15-17). Alguns autores chegaram a identificar Lázaro com o discípulo amado por esta indicação de que Jesus o amava (11,5). Talvez fosse interessante levar em conta a ordem dos nomes nesta afirmação. Marta não somente é a primeira indicada, como também na localização de Betânia se acrescenta: “povoado de Maria e de sua irmã Marta” (11,1). Esta explicação do redator parece indicar que as duas irmãs são co-nhecidas na tradição mais ampla do Evangelho, que abrange inclusive a tradição lucana (Lc 10,38-42).

Outro aspecto importante é o lugar central que o capítulo 11 ocupa dentro do quarto Evangelho. A revelação de que Jesus é a ressurreição e a vida vai crescendo até culminar em 11,1-54. No centro do capítulo encontramos a revelação de Jesus a Marta: “eu sou a ressurreição e a vida” (v.25) e a confissão messiânica de Marta, proclamada antes de ver o sinal da ressurreição de Lázaro: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo” (v.27).

È interessante observar que o redator faz questão de indicar que encontro de Jesus com as duas irmãs acontece no caminho: “Jesus não havia entrado ainda no povoado” (v.30), resgatando a teologia da Sofia e formando uma inclusão para o diálogo central e revelador entre Jesus e Marta.

- a. 20-21: Marta: “Senhor, se estivesse aqui...”
- b. 22-24: Marta disse: sei que ele ressuscitará...
 - c. 25-27: EU SOU a ressurreição e a vida.
- b'. 28-31: Maria levantou-se e foi ao encontro de Jesus
- a'. 32: Maria: "Senhor, se estivesse aqui..."

“No coração dessa pequena inclusão brilham aqueles dois versículos (25-27) em que se expressa a esperança cristã mais poderosa e mais exigente jamais dita por Jesus”². Mas, o aspecto que me chama a atenção neste momento da história é a relação entre o coração da estrutura do capítulo 11 e sua localização no começo da Paixão. O enfoque que se dá aqui é que este Jesus que será executado pelo império da morte é, na realidade, “a ressurreição e a vida”. Esta afirmação é fundamental para uma comunidade confrontada com um poder centralizador, “onde a confissão de fé em Jesus Libertador pode ter como consequência a tortura e a morte”³. Parece importante ressaltar que é Marta que recebe a revelação de Jesus, e faz a confissão de fé assumida pela comunidade joanina.

Como uma expressão do movimento do texto vai se revelando ao mesmo tempo a identidade divina e vivificadora de Jesus Sofia e o papel de Marta na comunidade do discípulo amado:

a) Marta desempenha na comunidade joanina papel semelhante ao de Pedro, na comunidade de Mateus (Mt 16,15-19);

b) Marta, depois de receber a revelação de Jesus e de expressar sua fé vai chamar Maria (11,28), de maneira muito similar ao chamado de André a Simão Pedro (1,40-42)⁴;

c) A confissão de Marta se repete no final do quarto Evangelho, onde o evangelista explicita seu propósito ao escrevê-lo (20,31).

Essa reconstrução da comunidade joanina e do e do papel de Marta nela representa uma proposta totalmente diferente ante a sociedade patriarcal, dominadora, racista e excludente da época. É também uma alternativa perante as comunidades apostólicas e diante das comunidades que aparecem por detrás do texto das cartas pastorais, onde a mulher deve ouvir a instrução em silêncio, com toda submissão (1Tm 2,11-12).

A dominação do homem sobre a mulher, em algumas comunidades cristãs, manifesta que a Igreja legitimou a estrutura patriarcal da sociedade e aceitou sem reservas a lógica do império (1Tm 2,1-2; Tt 3,1). Como denúncia profética dessa postura a comunidade joanina resgata o lugar que tinham as mulheres no movimento de Jesus na Palestina. Marcos 15,40-41 indica a participação das mulheres no movimento de Jesus desde a Galileia até Jerusalém. Foi o Deus Sofia de Jesus quem tornou possível o convite às mulheres para um discipulado de iguais, sinal do Reino de Deus e crítica existencial à sociedade hierarquizada e patriarcal da época. O anúncio do Reino rompe com as estruturas patriarcais e cria relações alternativas às vigentes; relações novas, onde as mulheres têm as mesmas possibilidades que os homens. “Jesus, o homem identificado com a mulher, suscitou um discipulado de iguais que ainda necessita ser redescoberto e realizado pelas mulheres e varões nos dias de hoje”⁵.

Olhar de perto para ver melhor

A estrutura do capítulo 11 do quarto Evangelho é clara e lógica, formando um conjunto narrativo coerente, porém construído de pequenas unidades ou cenas isoladas. No epicentro do capítulo está a profissão de fé de Marta, que expressa a intenção principal do evangelista. Todo o capítulo está construído a partir de diálogos que têm a intenção clara de revelar quem é Jesus e realçar a mútua glorificação do Pai e do Filho, confirmando assim a fé da comunidade joanina.

Segundo o relato de Mateus, após sua confissão de fé, Pedro recebe autoridade (Mt 16,16-18). A comunidade joanina não o desconhece, porém, insiste em que a autoridade na Igreja não é hierárquica, e que a proclamação de Pedro não lhe dá mais autoridade que a outros discípulos. A adesão a Jesus é o mais importante para a comunidade joanina e Marta é modelo da mesma. Martin Scott compara os textos de Mt 16,16; Mc 8,29; Lc 9,20 e Jo 11,27 demonstrando que a confissão messiânica de Marta expressa a plena fé apostólica e revela o papel importante que tinha Marta na comunidade joanina⁶.

Comentário de João 11

11,1-4 - A morte de Lázaro será para a glorificação de Jesus, porém, nada sabemos acerca da enfermidade que tinha Lázaro. Esse dado era supérfluo para o propósito do evangelista. Sua intenção aparece na resposta de Jesus que interpreta o acontecimento, dando-lhe sua significação teológica: “essa doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela” (11,4).

11,5-10 - Depois de apresentar a interpretação da enfermidade de Lázaro, o texto se detém em outra informação importante para o relato: as relações de amizade entre Marta, Maria, Lázaro e Jesus. “Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro” (v.5). Para o evangelista esse dado é muito importante, pois é justamente a relação de amizade que identifica os discípulos e as discípulas de Jesus (15,9.15; 17,23).

Segue um diálogo entre Jesus e seus discípulos, no qual o evangelista apresenta o duplo significado da volta à Judéia: despertar Lázaro da morte e apresentar o motivo do conflito entre Jesus e as autoridades judaicas. O enfrentamento se dá entre a força de vida que se manifesta em Jesus e a força de morte que emana do sistema patriarcal.

11,11-16 - Após confirmar sua decisão de tomar o caminho em direção a Jerusalém e de apresentar em linguagem simbólica uma reflexão sobre o caminhar na luz, o texto se concentra na situação concreta da comunidade. Aparece a dificuldade dos discípulos para compreender o

caminho de Jesus (cf. Mc 8,33). Em Jo 11,8, os discípulos já haviam tentado dissuadir Jesus de sua viagem a Jerusalém. Agora não podem captar o que ele lhes diz sobre a ressurreição de Lázaro (v. 11). Sua resposta ingênua: “Senhor, se ele está dormindo vai se salvar” (v. 12), manifesta que estão longe de compreender o projeto de Jesus (v. 13).

11,17-19 - No v.17 o narrador informa que Lázaro já estava há quatro dias no sepulcro. Esse dado parece importante para o propósito do evangelista, pois indica o estado de decomposição em que se encontrava o corpo de Lázaro. Por isso, a mesma informação é repetida por Marta no v. 39: “Senhor, já está cheirando mal. Faz quatro dias”. O sinal que Jesus vai realizar manifestará a força de vida presente nele: “Eu sou a ressurreição e a vida” (v. 25). Jesus é a vitória sobre a corrupção e a morte nesses dias, presente na história. Marta é desafiada por Jesus a crer em seu poder sobre a força destruidora da morte, superando seu esquema escatológico, aprendido dos fariseus⁷.

Nos v. 20-21 Marta sai ao encontro de Jesus. O diálogo de Marta com Jesus se dá fora do povoado, isso é, o caminho. Já vimos que esta pode ser uma referência à teologia da Sofia que se deixa encontrar na rua, nos caminhos, nas encruzilhadas, mercados e portas das cidades (Pr 1,20-21; 8,1-3). “Ela mesma se dá a conhecer aos que a desejam” (Sb 6,13). Em Jo 6,44 já se havia indicado a atração do Deus Sofia, Pai de Jesus⁸, sobre aqueles que o seguem: “ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o atrai, e eu o ressuscitarei no último dia”. Não é casual que esta mesma afirmação seja feita por Marta em 11,24: “Sei disso, sei que ele ressuscitará no último dia”.

Por isso, Marta não pede um milagre. Ela se apresenta cheia de confiança no poder revitalizador de Deus que atua em Jesus (v.22). A atenção de Marta se concentra na pessoa de Jesus, em quem se revela a Sofia: Bondade ilimitada e doadora de vida (cf. Pr 8,35).

11,25-27 - Este é o centro do capítulo 11. No v.25 Jesus se revela a Marta: “Eu sou a ressurreição”. Não há motivo para ficar esperando o futuro, diz ele. Jesus está aí, presente, próximo de Marta, e tem poder para “dar a vida a quem ele quer dar” (5,21), porque “possui a vida em si mesmo” (5,26). “Eu sou a ressurreição” (11,25) e sou aquele por quem ela acontece. Ressoa aqui a força libertadora de Deus, manifestada no Êxodo (Ex 3,14), para tirar do Egito um povo escravizado pelo Faraó. A expressão reveladora de Jesus “Eu Sou” desenvolve uma ideia fundamental do quarto Evangelho: Jesus se revela como aquele a quem recebeu o poder de vivificar, reservado a Deus. Um poder que se manifesta nos outros grandes sinais de cura de enfermos, por exemplo, em Jo 4,50-53.

Neste momento o sinal transcende o próprio fato da vida corporal que retorna a um cadáver, e anuncia, antes de tudo, a vida que Jesus suscita em toda pessoa que acredita.

Os v. 25b-26 apresentam um paralelismo sinônimo que afirma a vida e exclui a morte:

*"Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá.
E todo aquele que vive e crê em mim,
não morrerá para sempre".*

Esta afirmação de Jesus contém uma exigência de fé e uma promessa de vida em contraposição dialética entre morrer e viver. Já em Jo 10,10 Jesus havia afirmado: "eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância". A expressão "e todo aquele que vive" (v.26) deixa muito claro que se trata desta vida presente. É já nesta vida que Jesus se manifesta como a força revitalizadora para toda pessoa que vive e acredita. Por isso, Jesus pergunta a Marta: "você acredita nisso?" A fé tem também um conteúdo que consiste exatamente naquilo que Jesus significa para a pessoa que crê. Acreditar significa nutrir uma ligação íntima e comprometida com esse enviado de Deus, comunicador de vida.

Em 11,27 encontra-se o cume teológico de todo o capítulo 11. "Sim, Senhor. Eu acredito que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo". A proclamação de Marta é uma afirmação de fé sem igual. Ao reconhecer Jesus como Messias, Marta expressa que todas as esperanças judaicas se cumpriram nele. As mesmas palavras de Marta para expressar sua fé são repetidas pelo evangelista no final do livro para indicar seu objetivo ao escrever o quarto Evangelho: "para que vocês acreditem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. E para que, acreditando vocês tenham a vida em seu nome" (Jo 20,31).

O evangelista chama a atenção do leitor e da leitora para o fato de que Marta acredita antes de ver o sinal. Ela confessa que Jesus é Messias e Filho de Deus antes que Jesus devolva a vida a Lázaro. Por isso, Marta é apresentada como um exemplo de fé em situações de crise, como esta que a comunidade joanina está vivendo, desafiada com tantos conflitos.

Diante dessa situação da comunidade, o evangelista apresenta, no transcurso de sua narração, diversas confissões de fé: "Rabi, tu és o Filho de Deus", tu és o Rei de Israel", é o que diz Natanael maravilhado de que Jesus o conhecesse (1,49); "este é mesmo o Profeta que devia vir ao mundo", dizia a multidão entusiasmada por haver visto a multiplicação dos pães (6,14); "nós acreditamos e sabemos que tu és o Santo de Deus", afirmou Pedro na crise da Galileia, quando alguns haviam abandonado Jesus (6,66-69). Porém, nenhuma dessas confissões alcançou o nível da

proclamação de Marta, feita antes de ver o sinal e motivada unicamente pela palavra de Jesus que se revela a ela como “a ressurreição e a vida” (v. 25).

No final do Evangelho, diante da incredulidade de Tomé, Jesus afirma: “Felizes os que acreditaram sem ter visto” (20,29). A bem-aventurança proclamada por Jesus nos remete diretamente a Marta. A adesão a Jesus é o mais importante para a comunidade joanina e Marta é modelo da mesma. A confissão messiânica de Marta expressa a plena fé apostólica e revela o papel importante que tinha Marta na comunidade joanina.

11,28-32 - Há uma diferença entre o diálogo de Jesus com Marta e seu diálogo com Maria. Embora ambas digam a mesma frase a Jesus: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” (v.21.32), no encontro com Maria não há nenhuma resposta de Jesus. O diálogo é interrompido pela comoção de todos, o choro de Jesus e sua pergunta sobre o lugar do sepulcro. O que há de comum entre os encontros de Marta e Maria com Jesus é que ambos se dão fora de casa (v.20.30). É na rua que se repete a mesma afirmação, feita por Marta e Maria na rua. Ela manifesta o reconhecimento das duas mulheres de que em Jesus atua o Deus Sofia, que deseja a vida íntegra e plena para todas as pessoas (Jo 10,10).

Esse aspecto me ficou mais claro quando encontrei a observação de Schnackenburg de que essa cena não estaria na fonte-semeia, e que o fato de que o evangelista a incluiu aqui poderia indicar seu propósito de comparar ou contrapor a atitude das duas irmãs¹⁰. Em minha opinião também poderia indicar a imagem de Deus que se revelava em Jesus e que tinha sido captada pelas mulheres da comunidade joanina. Jesus é o Deus da vida, misericórdia infinita, que vai em busca das pessoas e as encontra no caminho, oferecendo-lhes a vida, o repouso e o conhecimento¹¹.

No v.28 Marta chama por Maria, dizendo-lhe ao ouvido: “o Mestre está aí, e está chamando você”. Tal afirmação parece indicar duas coisas. Primeiro, que a fé comum às duas irmãs não era compartilhada por todos os judeus presentes. Além disso, este chamado de Marta, comunicado de forma íntima a Maria para que esta fosse ao encontro com Jesus pode indicar também certa liderança de Marta dentro da comunidade joanina. Ao ser chamada, Maria se levanta em seguida e sai ao encontro de Jesus (v.29). Esta atitude de Maria sugere sua disposição imediata de seguir Jesus e de escutar sua palavra.

Segundo a tradição sinótica, Maria era discípula de Jesus (Lc 10,39). A expressão “estar sentada a seus pés”, de Lc 10,39, indica a postura própria de discípula (cf. Lc 8,35; At 22,3). Esta mesma tradição nos informa

também sobre as discípulas que seguiram a Jesus desde a Galileia até Jerusalém (Mc 15,40-41; Lc 8,1-3; 23,49; 24,10; Mt 27,55-56). O evangelista quis registrar aqui esse dado da tradição, dando-lhe um significado novo segundo o contexto da comunidade joanina, onde as mulheres tinham um papel de protagonismo. E mais, elas são capazes de criar relações novas, totalmente diferentes daquelas excludentes, próprias da sociedade patriarcal. No capítulo 9 aparece uma forte oposição entre os judeus e aqueles que confessam a Jesus. Em 11,31-45 os judeus visitam as duas irmãs, conhecidas como discípulas de Jesus (Lc 10,38-42). Que aconteceu? Parece que este é um exemplo de como as mulheres são capazes de transformar não só a própria comunidade, mas também a relação com os demais. O texto nos sugere que em meio ao conflito são as mulheres que apresentam uma proposta criativa e alternativa¹².

11,33-45 - Em 4,41 os samaritanos creram em Jesus pelas palavras da mulher samaritana. Aqui os judeus são conduzidos a Jesus por sua relação com Maria e Marta. Segundo Schnackenburg, essa cena das duas irmãs foi acrescentada pelo evangelista ao relato tradicional¹³. Penso que tal acréscimo reflete a situação da comunidade joanina onde se realiza a ação evangelizadora das mulheres, expressa na confissão messiânica de Marta (v. 27), em seu chamado a Maria (v. 28), na pronta resposta desta (v. 29) e na indicação de que os judeus a seguiam ao encontro de Jesus, ainda que de forma equi-vocada (v. 31) e duvidosa (v. 37). A presença dos "judeus" como testemunhas do acontecido (vv. 36-37) é um dado muito interessante. Eles representam a fé tradicional farisaica na ressurreição futura e são também chamados a superar os limites de sua fé para crer em Jesus como a "ressurreição e a vida" (v. 25), no presente. Diante da curiosidade que a cura de Lázaro despertou no povo (12,9), esses judeus serão os que darão o testemunho de Jesus, pelo sinal que haviam presenciado (12,17-18). O sinal que haviam visto foi a ressurreição de Lázaro, precedida do grito de Jesus que indica seu poder sobre a morte e seu chamado à vida (v. 43)¹⁴.

11,46-50 - Parece exagerado que a ressurreição de um morto seja o motivo principal que leva as autoridades judaicas a convocar um conselho (v.47) para decidir sobre a vida de Jesus. Na discussão interna do conselho aparece claramente a questão política: "se deixamos que ele continue assim, todos vão acreditar nele; os romanos virão e destruirão o Templo e toda a nação" (v.48). Com este versículo, o evangelista comunica também sua concepção sobre os dirigentes do povo judeu com sua visão estreita da situação política. Quando o quarto Evangelho foi escrito a destruição de Jerusalém já havia acontecido e a pena de morte contra Jesus não havia impedido que ocorresse aquilo que as autoridades judaicas temiam.

11,51-54 - A importância soteriológica da morte de Jesus aparece também em 6,33.51c e 10,11.15; 17,19. A entrega da vida é a expressão máxima do amor e é este amor até o extremo (13,1) que congregará o novo povo de Deus, formado de judeus e gentios. Amor vivenciado em comunidades de iguais, luz nas trevas da sociedade patriarcal, onde a diversidade é assumida como enriquecimento mútuo e os dons são partilhados com alegria.

Alternativas para uma nova sociedade

A antropóloga mexicana Marcela Lagarde define em poucas palavras em que consiste a teoria de gênero:

“Existe o mito de que o que acontece a nós, mulheres, se deve e se explica pelo fato de que assim nascemos e que é parte de uma condição natural e biológica. O que agora sabemos é que nossa condição de gênero não é natural, não nascemos assim; e não só nós, tampouco os homens nasceram assim. Ambos temos sido educados e socializados ao longo da vida para nos comportarmos de acordo com certos estereótipos. O importante é que não é natural viver assim a vida; isso quer dizer que é possível mudá-la, na sociedade e na vida de cada um, para criar modos de vida não alienados entre homens e mulheres”¹⁵.

Tanto a antropologia cultural como a psicologia do desenvolvimento humano apontam para a decodificação da sociedade discriminadora em que vivemos. As ciências humanas nos ajudam a “discernir que a diferença de gênero se tem dado em termos de uma desigualdade real e objetiva entre mulheres e homens”¹⁶.

Para Joan Scott “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e a primeira forma de significar as relações de poder”¹⁷. Por isso é tão urgente e importante uma leitura bíblica a partir da ótica de gênero, como afirma Elisabeth Schüssler Fiorenza:

“A interpretação bíblica feminista explícita que a verdade divina e a presença reveladora se encontram entre as mulheres, que são membros invisíveis do povo de Deus. Deixa claro que tanto homens como mulheres recebem e proclamam a revelação. Assim, busca interromper o silêncio teológico e a invisibilidade eclesial das mulheres, para que a graça e a verdade de Deus sejam reveladas entre nós em sua plenitude”¹⁸.

Na comunidade joanina é Marta que recebe e proclama a revelação central de Jesus. Este texto (11,17-32) nos permite reconstruir a situação da mulher na comunidade joanina e descobrir seu protagonismo e sua participação ativa na comunidade. Neste, como em outros aspectos, a comunidade do discípulo amado busca ser fiel a uma tradição de Jesus muito antiga. O movimento e o ministério de Jesus na Palestina foi inter-

pretado como uma revelação da Sofia, bondade misericordiosa que se manifesta na refeição comum com publicanos, prostitutas e pecadores¹⁹.

Numa tradição alternativa judaica, a Sofia é personificada e descrita “como a confidente e amada dos discípulos da Sabedoria. Seu ser não é mantido em segredo, mas abertamente proclamado” (Sb 6,22-25)²⁰. Ela prepara um banquete e convida os simples e ingênuos para comer gratuitamente com ela (Pr 9,1-6; Eclo 24,19-21).

Essa tradição é recolhida por Lucas, no contexto da crítica a Jesus como “um comilão e beberrão, amigo de cobradores de impostos e pecadores” (Lc 7,34). Sem maiores explicações, Lucas afirma: “Mas a Sabedoria foi justificada por todos os seus filhos” (Lc 7,35; Mt 11,19). A relação de Jesus com a Sofia é clara nessa tradição, identificada por Elisabeth Schüssler Fiorenza como pertencente ao Documento Q²¹. Essa citação de Lucas e Mateus tem seu paralelo em Jo 6,35-37, onde Jesus é o pão da vida que convida todos os famintos e sedentos a um banquete. Entendo que a comunidade joanina interpreta Jesus como a encarnação de Deus, reconhecido, sobretudo, no papel de Sofia (Jo 1,1s; Pr 8,22-31; Eclo 24, 3-12).

Silvia Schroer analisa a teologia da Sofia e situa sua origem entre os séculos III e I a.E.C. Detém-se de maneira especial na época em que foi escrito o livro da Sabedoria, já no limiar do cristianismo, quando a situação se deteriora para as comunidades judaicas que residiam no Egito. Frente à dominação do império romano e a pressão da sociedade local, havia muitas apostasias, calúnias e perseguições no seio das comunidades judaicas da diáspora. Nessa situação, faz-se uma releitura bíblica, apresentando uma imagem feminina de Deus - a Sofia - que reúne a tradição sapiencial judaica com a tradição sapiencial do helenismo grego, sem aceitar a devoção mística, nem o culto de imagens de deuses, nem o culto aos monarcas²².

"Nacionalismo e autonomia harmonizam-se na Sofia com universalismo e com uma inculturação teologicamente elaborada. Tal diálogo não é acrítico. Sabedoria, segundo a compreensão judaica, não é questão privada nem mistério abscondito e privilégio de iniciados (...) No contexto de expansão da 'Pax Romana', a Sofia constitui um símbolo da crítica ao poder, voltada contra a arbitrariedade e a tirania"²³.

Ao reconhecer em Jesus a manifestação da Sofia, a comunidade do discípulo amado está se apoiando no próprio ensinamento de Jesus, segundo os sinóticos (Mt 11,19; Lc 11,31), porém o desenvolve e aprofunda, resgatando essa tradição alternativa judaica:

- a) Jesus Sofia é de origem misteriosa (Jo 7,27-29; 8,14.19);
- b) Somente Jesus Sofia conhece os mistérios de Deus e os revela à humanidade (Jo 3,12; Sb 9,13-18; Mt 11,25-27);
- c) Jesus Sofia convida homens e mulheres para ir a seu encontro, e a resposta deve vir antes que seja demasiado tarde (Pr 1,24.28; Jo 7,34; 8,21).
- d) Jesus Sofia é “a luz do mundo” (Jo 1,4-5.7-9; 3,19-21; 5,35; 8,12; 9,5; 11,9-10; 12,35-36.46).

Nessas abundantes citações do Evangelho de João encontro uma releitura da teologia da Sofia. Por trás dessa teologia encontro uma releitura da tradição do Êxodo, feita no pós-exílio, quando a situação de empobrecimento e fragmentação do povo bíblico tornou-se muito grave (Sb 10,17; 18,3; Eclo 24,4).

A revelação de Jesus como Sofia é uma das mensagens centrais do texto de Jo 11. Jesus Sofia quer a vida e a integridade de todas as pessoas. Apresenta-se como a ressurreição e a vida²⁴ e, como tal, revela-se a Marta. Provocada por Jesus, Marta faz sua inédita confissão de fé: tem como protagonista uma mulher, possui grande precisão teológica e se realiza no espaço público, que segundo a teologia da Sofia é o espaço onde se encontra a Divindade.

Neste momento histórico de crise e de grandes mudanças, somos chamadas a conquistar espaços de protagonismo na sociedade. Mais que nunca nós mulheres temos buscado capacitação. Geramos espaços seguros de estudos, de partilhas de experiências e sonhos. No entanto, vem diminuindo consideravelmente nossa participação política. No Brasil, as mulheres representam apenas 9,9% da Câmara Federal e apenas 13% do Senado, muito abaixo da média mundial que é de 22,1%²⁵. Qual seria o índice de participação política partidária das mulheres em outros países da América Latina e Caribe? Também podemos perguntar-nos sobre a participação das mulheres nas demandas por políticas públicas, salários, direitos iguais?

E nas igrejas, qual tem sido nosso protagonismo? Continuamos como ‘assistentes’ nas liturgias? Somos, ainda, as provedoras do culto e de construções de igrejas e salões? Que espaços de decisão conquistamos no interior de nossas igrejas? Que imagens de Deus abrigamos em nossa interioridade? Tais imagens de Deus fortalecem nossa busca de sentido, de crescimento humano pleno, de felicidade? Que saídas alternativas estamos descobrindo para abrir novos caminhos de participação igualitária e efetiva em nossas igrejas? “Enquanto ainda é tempo, façamos uma pausa salutar para refletir, pesar nossos atos e interferir nas decisões de uma Igreja que ainda é chamada ‘Povo de Deus’”²⁶.

Notas

- 1 Estima-se que entre 60 a 70% dos homicídios de mulheres, no Brasil, são cometidos por companheiros ou ex-companheiros.
- 2 BROWN, Raymond E., *La comunidad del discípulo amado*, Salamanca, Ed. Sígueme, 1983, p. 249.
- 3 Idem, p. 250.
- 4 A comparação desses textos me dá a impressão de que Marta é a discípula anônima de 1,40. Muitos autores (as) já têm tratado desse tema, mas a afirmação de que Marta seria "a discípula amada" necessitaria de mais fundamentação. Por isso, embora a considere viável, não vou me deter em tal hipótese.
- 5 Elisabeth Schüssler Fiorenza, *As origens cristãs a partir da mulher – Uma nova hermenêutica*, São Paulo: Paulinas, 1992 p. 190 ou Elisabeth Schüssler Fiorenza, *En memoria de ella – Una reconstrucción teológico-feminista de los orígenes del cristianismo*, Bilbao: Desclée de Brouwe, 1989
- 6 Martin Scott, *Sophia and the Johannine Jesus*, Journal for the Study of the New Testament, England, Sheffield, 1992, p. 202-204, Supplement Series 71.
- 7 Gail R. O'Day, "Gospel of John" in, Carol A. Newson e Sharon Ringe, *The Women's Bible Commentary*. Westminster/John Knox Press, Louisville, 1992, p. 298.
- 8 Elisabeth Schüssler Fiorenza, *Jesus Miriam child, Sophia's profet*, Ed. Continuum, New York, 1994, p. 150.
- 9 Este é um simples título messiânico que pode ser encontrado também em Mt 4,3,6; Mc 3,11; 5,7; 15,39; Lc 4,41. Essas palavras não indicariam mais que o favor especial outorgado ao Messias-Servo.
- 10 Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan*, Versión y comentarios, Tomos I, II y IV, Barcelona, Herder, Tomo II, 1980, p. 412.
- 11 Elisabeth Schüssler Fiorenza, *Jesus Miriam's Child, Sophia's Prophet*, New York: Continuum, 1994, p.180.
- 12 Observação de Sharon Ringe em carta de 17.09.1995.
- 13 A história original da fonte semeia parece ter sido elaborada segundo o modelo da narração sinótica (cf. Mt 9,23; Mc 5,38s). Rudolf Schnackenburg, *El evangelio...*, Tomo II, p. 415.
- 14 Era comum na apocalíptica a esperança de que a voz de Deus, ou de seu anjo, despertaria para a vida (cf. Jo 5,26-29; 1Ts 4,16).
- 15 Marcela Lagarde, "Propiciadora de la equidad", Entrevista por Aurelia Dobles in La Nación, Sección B, San José, Costa Rica, 25.06.1995, p. 16.
- 16 Irene Foulkes, "Hermenéutica bíblica y óptica de género", in *Boletín Teológico*, Revista de la Fraternidad Teológica Latinoamericana, Año 27, nº 58, junio de 1995, p. 73-78.
- 17 Joan Scott, *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, Ed. SOS Corpo, Recife, p. 14.
- 18 Elisabeth Schüssler Fiorenza, "Mujer-Iglesia: el centro hermenéutico de la interpretación bíblica feminista" in *Del cielo a la tierra*, Sello Azul, Santiago/Chile, Ed. de Mujeres, 1994, p. 239.
- 19 Elisabeth Schüssler Fiorenza, *As origens cristãs...* p. 181.
- 20 Silvia Schroer, "Transformações na fé – Documentos de natureza intercultural na Bíblia", in Revista *Conciliun* 251, Petrópolis: Vozes, 1994, p. 16.

- 21 Elizabeth Schüssler Fiorenza, *As origens cristãs...* p. 179.
- 22 No ano 30 a.E.C. o Egito havia sido convertido em província romana.
- 224 Silvia Schroer, *Transformações na fé...* p. 28.
- 25 Em Pr 8 35, a Sofia diz: "quem me encontra, encontra a vida". No evangelho de João, palavra vida aparece 47 vezes, em algumas delas identificando Jesus como a vida (14,6), outra, apresentando do seu projeto: "Eu vim para que todos tenham vida" (10,10) e em outras mostrando Jesus como "pão de Deus que dá vida ao mundo" (6,33).
- 26 <http://www.fetecpr.org.br/mulheres-trabalhadoras-nao-ao-retrocesso/14/08/2015>
- 27 Ivone Gebara, "Enquanto ainda é tempo... De Joana D' Arc a Helder Câmara", in <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=85239>, publicado em 01/06/2015

Número especial da Revista «HORIZONTE»

da PUC de MINAS, Belo Horizonte, Brasil, sobre

«O Paradigma Pós-Religional»

número 37, ano 2015, monográfico

Edição especial, em várias línguas, que continua a reflexão teológica e das ciências da religião após o lançamento da Proposta Teológica do Paradigma Pós-religional feita pela EATWOT no ano de 2011. O novo paradigma se aprofunda e prolonga com a reflexão das assinaturas mais reconhecidas neste campo:

Roger LENAERS, John Shelby SPONG, Marià CORBÍ, Diarmuid O'MURCHU, Lee CORMIE, Danny PILARIO, Geraldina CÉSPEDES, Juan MASIÁ, Simón Pedro ARNOLD, Faustino TEIXIRA, Sergio OSORIO, Don CUPITT, Stefen BATCHELOR, María LÓPEZ VIGIL, José Maria VIGIL...

Pode recolhê-la on line, em:

<http://servicioskoinonia.org/LibrosDigitales>

ou na página da própria revista:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte>